

**DOCES DOCENTES: “CAUSOS” MINEIROS E GOIANOS
CONTEMPORÂNEOS DE UMA PROFISSÃO CADA VEZ MAIS
AMARGA**

**TEACHING SWEETS: CONTEMPORARY “CAUSOS” FROM MINES
AND GOIANS OF AN INCREASINGLY BITTER PROFESSION**

**ENSEÑANZA DE DULCES: “CAUSOS” CONTEMPORÁNEOS DE
MINAS Y GOIANES DE UNA PROFESIÓN CADA VEZ MÁS AMARGA**

Sônia Regina Gouvêa Rezende

Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG Caldas Novas). Doutora em
Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail:
sonia.rezende@ueg.br

Thiago Caetano Furquim

Mestre em Administração Universidade Federal de Uberlândia (UFU) E-mail:
thiago.c.furquim@gmail.com

RESUMO

É tradição rural mineira e goiana a confecção de doces, principalmente o de leite, e a sua “feitura” depende de uma série de ingredientes, que se não juntados e misturados no tempo e temperatura certos, fazem o doce “desandar”. A intenção desse artigo não é discutir a culinária mineira ou goiana, tampouco o processo de fabricação de doces, mas sim a relação professor-aluno no contexto atual da hipermodernidade. Objetiva-se mostrar as semelhanças dessa relação com o “doceiro” tradicional mineiro e goiano, com a apresentação de causos protagonizados pelos autores desse artigo. Este texto não privilegia a estrutura rígida acadêmica para artigos, entretanto as análises geradas a partir da leitura dos “causos” utilizam fundamentalmente o conceito de Hipermodernidade (LIPOVESTSK, 2004). Aspectos da hipermodernidade são levantados por meio dos causos e comparados metaforicamente com o feitiço de “doces”. Entretanto não se pretende de forma alguma reduzir o aluno ou o professor a meros “ingredientes”, tampouco transformá-los em produtos. A metáfora está aqui inserida para exemplificar na própria construção do texto os caracteres da hipermodernidade, seus exageros, medos e tensões. Saindo do paradigma formal consagrado no meio acadêmico e fornecendo uma reflexão num tom literário

Palavras-chave: Hipermodernidade. Docentes & discentes. Autoafirmação. Diploma.

ABSTRACT

It is a rural tradition in Minas Gerais and Goiás to make sweets, especially milk sweets, and their “making” depends on a series of ingredients, which, if not joined and mixed at the right time and temperature, make the sweet “fall apart”. The intention of this article is not to discuss Minas Gerais or Goiás cuisine, nor the process of making sweets, but rather the teacher-student relationship in the current context of hypermodernity. The aim is to show the similarities of this relationship with the traditional “confectioner” from

Minas Gerais and Goiás, with the presentation of stories carried out by the authors of this article. This text does not privilege the rigid academic structure for articles, however the analyzes generated from the reading of the “stories” fundamentally use the concept of Hypermodernity (LIPOVESTSK, 2004). Aspects of hypermodernity are raised through the stories and metaphorically compared with the shape of “sweets”. However, it is by no means intended to reduce the student or the teacher to mere “ingredients”, nor to transform them into products. The metaphor is inserted here to exemplify in the very construction of the text the characters of hypermodernity, its exaggerations, fears and tensions. Leaving the formal paradigm enshrined in academia and providing a reflection in a literary tone

Keywords: Hypermodernity. Teachers & students. Self-affirmation. University Degree.

RESUMEN

Es una tradición rural en Minas Gerais y Goiás la elaboración de dulces, especialmente dulces de leche, y su “elaboración” depende de una serie de ingredientes, que, si no se unen y mezclan en el momento y la temperatura adecuados, forman el dulce”. desmoronarse”. La intención de este artículo no es discutir la cocina de Minas Gerais o Goiás, ni el proceso de elaboración de dulces, sino la relación maestro-alumno en el actual contexto de hipermodernidad. El objetivo es mostrar las similitudes de esa relación con el tradicional “dulcetero” de Minas Gerais y Goiás, con la presentación de relatos realizada por los autores de este artículo. Este texto no privilegia la estructura académica rígida de los artículos, sin embargo los análisis generados a partir de la lectura de los “relatos” utilizan fundamentalmente el concepto de Hipermodernidad (LIPOVESTSK, 2004). Los aspectos de la hipermodernidad se plantean a través de las historias y se comparan metafóricamente con la forma de “dulces”. Sin embargo, no se pretende en modo alguno reducir al alumno o al profesor a meros “ingredientes”, ni transformarlos en productos. La metáfora se inserta aquí para ejemplificar en la construcción misma del texto los personajes de la hipermodernidad, sus exageraciones, miedos y tensiones. Salir del paradigma formal consagrado en la academia y aportar una reflexión en tono literário. **Palabras clave:** Hipermodernidad. Profesores y estudiantes. Autoafirmación. Título Universitario.

INTRODUÇÃO

A partir da interface tempos hipermodernos e educação, propôs-se, a pensar na interação dos docentes e sua vulnerabilidade nas Instituições de Ensino Superior (IES), em que a participação dos docentes é considerada como pano de fundo no jogo real da educação nesta contemporaneidade. A partir da reflexão sobre as particularidades da sociedade nas primeiras décadas do século XXI e seus efeitos no campo da educação, destacam-se as práticas de professores em instituições de ensino em tempos *hipermodernos*, as experiências dos docentes nas IES e as contribuições que estes profissionais podem ofertar.

Nesse contexto, Lipovestky (2004) comenta que a expressão pós-moderno é ambígua, desajeitada, para não dizer vaga, pois evidentemente a partir dos anos 1950, 1960, havia uma modernidade de novo gênero que tomava corpo e não uma simples superação daquela anterior, uma situação de tensão características desta sociedade.

Conforme apontado por Charles (2009), a sociedade hipermoderna é binária, complexa e paradoxal porque ao mesmo tempo em que está ligada ao culto do hedonismo, a farra do consumo e entretenimento, ela provoca comportamentos angustiantes, o medo de não equilibrar as exigências do excesso e as responsabilidades de sua própria liberdade.

Há um paradoxo entre o espírito de irresponsabilidade incapaz de resistir aos pedidos externos e internos de origem emocional individualista e o espírito de responsabilidade de formato variável. Para o indivíduo hipermoderno, seu comportamento é baseado em uma ordem social fundamentada em valores estabelecidos, objeto de debate ou consensos efêmeros: acesso a drogas, regime de casamentos homossexual, aborto, eutanásia, etc.

Neste período hipermoderno houve a rápida expansão frenética do consumo e da comunicação em massa, a escalada das tecnologias em vertiginosas transformações, aglomerações urbanas e megalópoles superpovoadas, milhões de câmeras para lutar contra o terrorismo, esportes radicais, assassinos em série, bulimias e anorexias, obesidade, compulsões e vícios, desenvolvimento sustentável, ecologia industrial.

O *Zeitgeist* frívolo da modernidade foi substituído pelo tempo do risco e da incerteza da hipermodernidade, como o enfraquecimento das normas autoritárias e disciplinares, surto de individualização, consagração do hedonismo, perda da fé no futuro revolucionário e descontentamento com as paixões políticas.

As repercussões da tensão da hipermodernidade no campo educacional se caracterizam pelo consumo de massa e aos valores como a competição, resultado de um desenvolvimento desenfreado das tecnologias de informação, da precarização do emprego e estagnação do desemprego (LIPOVESTKY, 2004).

Na educação superior no Brasil, Cruz (2009) ressalta o consumo em educação, e evidencia que o bacharelismo revela uma perspectiva teórica de poder no Brasil, “O saber bacharelesco aumenta o capital social do indivíduo e, aumenta o poder condicionado no campo organizacional brasileiro” (CRUZ; MARTINS, 2006, p.9).

Nesse entremeio, Charles (2009, p. 165) complementa que houve uma invasão mercantil, o desenvolvimento universitário modela-se em uma visão empresarial, em que os estudantes se tornaram uma clientela, “a globalização invadiu o campo da educação, tudo sendo permitido para se vencer a concorrência”. Na análise de Charles (2009, p. 166) percebe-se que em relação à sedução da clientela estudantil, houve

[...] aplicação de métodos pedagógicos inspirados do mundo empresarial, tudo, sob o risco de se sacrificar, por vezes, os valores acadêmicos tradicionais, revolucionar os programas com a oferta de tratamento individualizados, diplomas à la carte – cursos adaptáveis permitindo flexibilidade e liberdade e a possibilidade de se chegar ao estudante onde e quando ele desejar.

Dessa forma, como a lógica hipermoderna faz parte do mundo universitário, seu domínio não é, entretanto, absoluto, “não seria correto reduzir a universidade atual a um imenso supermercado do conhecimento” (CHARLES, 2009, p.170). Há um número de estudantes que são diferentes dos chamados “clientela”, estudantes com valores sociais e éticos, dedicados ao rigor de seus estudos. O quadro dos estudantes, assim como os docentes, não é invariável, observa-se nesses grupos adeptos a crítica da mercantilização do conhecimento.

Assim, Charles (2009) assegurou que o clima de tensão, como o medo, característica da sociedade hipermoderna a partir das incertezas de um processo de globalização e liberalismo, está presente nas relações construídas neste tempo. Para o indivíduo hipermoderno, a ética funciona de acordo com a emoção do indivíduo no momento e não aos valores existentes para o sujeito (CHARLES, 2009).

Os medos dos professores são similares aos medos dos alunos, sugerindo que os docentes necessitam de reconhecer essa semelhança, no sentido de melhorarem a sua empatia e as relações interpessoais na sala de aula, de modo que haja um melhor clima relacional, afetivo e disciplinar (ALLEN, 1985).

Nas situações que envolvem educação na perspectiva hipermoderna, não são raras as situações em que se percebe que os sujeitos, no caso, os alunos, estão carentes de referências. Percebe-se que os alunos buscam um diploma para autoafirmação, justificando a aparição dos exageros, tensões e medos vividos durante esta busca (RUBIM; BESSET, 2007).

Nesse contexto, questiona-se a relação professor-aluno de três dos autores docentes dos cursos de Administração em duas IES públicas e uma privada, e se estes

profissionais sabem lidar com a vulnerabilidade em sala de aula, resultante dos valores, medos e tensões vinculados à sociedade hipermoderna em suas relações em busca pela autoafirmação e obtenção do diploma.

Cruz (2009) motivou-nos a verificar se a maioria das situações por ele vivenciadas faziam também parte de nossa rotina, e percebemos que somos capazes de compartilhar histórias pertinentes ao mesmo contexto, e com isso descrever um pouco mais desse universo fechado.

Como análise desses questionamentos apresenta-se “causos” mineiros e goianos contemporâneos sobre a relação professor-aluno, a fim de entender esta nova realidade de exageros, a busca sem medidas pelo diploma de ensino superior, a ruptura com a rigidez disciplinar a uma moral *a la carte* de opiniões livres, direitos individuais, além de mostrar a vulnerabilidade do professor neste contexto.

MATERIAIS E MÉTODOS

Na busca pela compreensão do fenômeno, hipermodernidade optou-se em uma pesquisa aplicada de caráter exploratório descritivo, que tem como objetivo a utilização do conhecimento em situações práticas, destinadas à solução de problemas específicos (VERGARA, 2005). Os estudos exploratórios auxiliam o pesquisador a encontrar elementos necessários que permitam contato com a população estudada para obter dados sobre os quais ainda não se tem informação (TRIVIÑOS, 1987).

Preferiu-se um estudo de natureza qualitativa, envolvendo análise de conteúdo, por coletar dados em entrevista episódica com os sujeitos da pesquisa, três dos docentes autores. Ao estimar o fenômeno em sua complexidade e em contexto natural, privilegia-se a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação (LÜKE; ANDRÉ, 1986).

Nesse contexto, Bauer e Gaskell (2002) afirmam que no processo de reflexão as discussões encontradas na literatura acerca do tema estudado a análise das experiências dos docentes no método qualitativo são intrinsecamente mais críticas e emancipatórias, já que, defende a necessidade de compreender as interpretações que os atores sociais possuem do mundo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nos causos mineiros e goianos a Pimenta, a Canela, o Chuchu e o Jiló são ingredientes do dia-a-dia dessas cozinhas. Estão presentes com seus sabores ímpares e texturas; e os imaginamos em pratos tipicamente salgados, com exceção da Canela. Na realidade de sala de aula, utilizando da metáfora dos causos, com esses ingredientes, espera-se que os alunos sejam propícios a tornarem-se “doços”.

Como ‘doceiros’, esperamos encontrar alunos receptivos que saibam reconhecer que o tempo e a dedicação são uma espécie de fervura, um cozimento indispensável para a obtenção do título. Uma minoria desses alunos é predisposta a passar por esse processo de forma natural transformando-se em doces. A era da Hipernormatividade, marcada pelas angústias, tensões e medos em sua última potência, o contentamento quando existe é efêmero, vive-se nas múltiplas facetas do indivíduo hiper (Lipovetsky, 2004).

Teste de Fogo: A aluna Pimenta, com bom desempenho e sempre receptiva me ofereceu um chiclete. Vi nisso um gesto amistoso, algo até apreciável. Aceitei o “presente” e logo coloquei na boca. Mas ao mastigá-lo veio a surpresa, era chiclete de pimenta. Meus olhos, nariz e boca começaram a arder fortemente, de um ardor tão grande que devo ter ficado vermelho, vermelho não, roxo. Perdi o ar, e embora tenha me vindo à mente aquelas palavras carinhosas que surgem quando somos feridos por alguém, segurei-me. Assim, procurei recobrar as forças e continuei a aula normalmente, como se nada tivesse ocorrido. Embora tivesse ensaiado em pensamento milhões de lições para a turma e para a aluna, não foi necessário.

Em uma análise menos óbvia identifica-se as sujeições que o professor fez para se considerar “respeitado”. Os alunos de graduação das primeiras décadas de 2000 são diferentes dos de outrora, suas angústias, seus medos e anseios adquirem formas gigantescas, as do professor também compartilha com eles uma grande parte desse universo. Na hipernormatividade, o professor se encontra perdido, possui uma “autoridade” de Direito, que lhe é outorgada pela instituição, mas não de fato, pois os alunos não o reconhecem como tal, aliás, nem ele, nem ninguém.

O professor anseia ser respeitado e amado, mas não pode contar com o respaldo institucional, que lhe transfere responsabilidade plena sobre sua turma, entretanto o exime de todo e qualquer instrumento de controle, que exija uma disciplina mais rígida. O

professor prefere ignorar atitudes e comportamentos indesejáveis que lhe causam dor, inclusive física, a ter uma ação mais enérgica, desfavorável neste cenário. Toda essa trama psicológica reflete as mudanças no sujeito professor e seu compartilhamento dos (des)valores hipermodernos, embora isso não seja explícito.

Em “Cozinha de Papel”, é óbvia uma referência à mercantilização do ensino, e a aparente revolta do professor diante desse cenário. A aluna Canela, epitome da aluna hipermoderno explicita seu desejo de conseguir o diploma sem muito esforço e sacrifício, ao confrontar o professor, obter o respaldo da coordenação e a indignação do docente. Os professores cedem às pressões da hipermodernidade, à prioridade dada ao presente oposta ao futuro, à valorização dos particularismos e dos interesses corporativistas, a falta do sentido de dever e o bem da coletividade (Charles, 2009).

Um aluno do grupo relatou que Canela não havia participado da elaboração do trabalho, e então não era justo que ela fosse avaliada junto aos demais. Em seguida, Canela solicitou falar com o professor no intervalo, e assim o fez. Disse que havia mudado para outro grupo, por um desentendimento no grupo anterior. O professor agendou a entrega individual do trabalho para próxima aula.

Na outra semana, a apresentação de Canela foi insignificante. Canela fez uma reclamação formal do “doceiro”, por ter sido exposta diante dos demais colegas, impondo-lhe uma ‘perseguição’, só porque esteve “adoentada” e não teve como preparar para a avaliação individual. A coordenação não queria que Canela ficasse guardada na prateleira por mais um semestre e exigiu que o professor aplicasse nova tarefa, mas ele preferiu deixar a IES a cumprir esta ordem.

Para Canela, o desejo de resolver ‘seu’ problema, fez com que fossem desconsiderados valores morais, ou seja, virtudes tais como: verdade, lealdade, comprometimento, responsabilidade. Em resumo, nos tempos hipermodernos há o enfraquecimento das normas autoritárias e disciplinares; o surto de individualização, em que o presente domina, e o futuro assusta (LIPOVETSKY, 2004).

Doce de jiló: No 1º dia de aula da disciplina de estatística em uma turma de 50 alunos em uma instituição de ensino privada, o “doceiro”, também profissional em estatística, sabia da importância de utilizar este conteúdo no mercado de trabalho. Ele fez uma preparação especial, para conhecer, descobrir e entender as necessidades de cada

aluno. A frente do professor, estava um ingrediente misterioso, mascando chiclete e sentado de forma esculachada, observava-o como se fosse um aparelho de raio-x.

Em sua auto apresentação disse:” *Meu nome é Jiló, estou aqui porque preciso do diploma, gosto de fumar um baseado de vez em quando, não tenho muito interesse nesta disciplina e não gosto de Mauricinho*”. Em suas reflexões, o “doceiro” se questionava, como lidar com esse sentimento de vulnerabilidade frente a difícil situação. Mas no decorrer da rotina das aulas, percebeu-se a capacidade analítica e facilidade em trabalhar com números de Jiló. No final do semestre, conseguiu-se fazer o novo doce de jiló, um ingrediente que mostrou suas inúmeras propriedades.

“Doce de jiló” retrata o encontro do professor com o inesperado, com a verdade acre jogada em sua cara e a dificuldade em lidar com isso. Jiló, o aluno-problema, reflete o espírito hipermoderno, impõe o choque de gerações, do pós-moderno com o hipermoderno, um embate que o professor considera superar com o tempo, buscando conhecimento das diferenças e por um denominador comum.

Chuchu Cereja: O “doceiro” fez uma pequena avaliação individual para os alunos. No momento de entregar as notas das avaliações, disse-lhes que entregaria as provas na ordem que foram corrigidas e pedi que permanecessem sentados em seus lugares. Em sua mesa, fui chamando individualmente cada aluno para conversar a respeito de seus desempenhos. Mas Chuchu se recusou, falando que era melhor ficar por ali, pois sabia que sua prova estaria por vir.

O professor acabou perdendo a calma. Resolveu improvisar, e informou a Chuchu que seu desempenho tinha sido insatisfatório, e que se quisesse ir, depois lhe entregava a prova. Nessa hora Chuchu exigiu a avaliação. Procurou-se no conjunto de avaliações e não foi encontrado, assim como na pasta “doceiro”. Chuchu permanecia calado, só observando, mas esbravejou-se: “*Falta de organização professor, não acredito que você perdeu minha prova, e eu tenho certeza que fui muito bem, após ver o desempenho dos colegas*”.

Chuchu segurava seu caderno, e oportunamente, abriu-o. Num *insight*, o professor pediu para ver o caderno. Chuchu argumentou que eu tinha sumido sua prova e em perseguição queria ver o caderno dela. O “doceiro” puxou o caderno da mão de Chuchu e a prova, com a nota 0,5 caiu. “Chuchu” mostra a moral *à la carte*, característica do

hipermodernismo, a aparência acima da essência, e a justificativa do uso de todos os meios para se atingir um fim.

Comportamentos como o de Chuchu, de fraude, e outros eticamente questionáveis são largamente encontrados na sociedade hipermoderna e até de certa forma incentivados. São esses mecanismos hipermodernos que permeiam frases como “roubar não é pecado, pecado é ser descoberto”, e tantas outras que refletem a flexibilização da moral, como se esses valores fossem fruto da emoção efêmera, do momento, e não valores fixos.

Entretanto ao ser descoberto, Chuchu simplesmente sai para nunca mais voltar, talvez um resquício da pós-modernidade traduzido no valor de “vergonha”, ou talvez seja só mais um estratagema da hipermodernidade a procura de um meio mais veloz de obtenção do diploma em outra instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato é que já não há mais espaços para doceiros, com seus tachos, panelas e doces tradicionais, a localidade, traduzida na “mineiridade e goianidade” típica das receitas de doce está sendo substituída pela globalização hipermoderna, com seu desvario do hiper, do instantâneo. Já não há mais tempo para essa educação tradicional, baseada no fogo brando das relações professor-aluno, nos tachos dos bancos da escola e nos ingredientes clássicos. Quer-se tudo pronto agora.

A Educação no início do século XXI é uma panela de pressão, lacrada com diversos ingredientes desconhecidos dentro, à espera de um sabor, qualquer que seja, desde que seja rápido, fácil, globalmente reproduzível e financeiramente rentável. Aliás, panela de pressão não, na hipermodernidade, fala-se em cozinha molecular, em que nada é o que parece, tudo muda e se transforma a todo tempo, de acordo com o gosto do cliente.

Nessa pressa hipermoderna proliferam-se os cursos de Educação a Distância (EaD), que atingem diretamente o seu cerne: tudo, todos, aqui, agora, ao mesmo tempo, o tempo em que quiser, quando quiser, juntamente com eles as manifestações de *bullying*, de síndrome de *Burnout*, de chacinas em escolas e outras temeridades.

Resta saber se dessa mistura antes inimaginável surgirá alguma coisa proveitosa, ou se diante do resultado gastronômico retornaremos ao pé do forno de barro, procurando as velhas receitas no caderninho esquecido na gaveta. A esperança está na

heterogeneidade do perfil de docentes e discentes. Há um grande número de estudantes que não correspondem a imagem dos chamados “clientes”, estudantes e docentes com preocupações sociais e éticas, ao rigor de seus estudos, que criticam a mercantilização do conhecimento (CHARLES, 2009).

REFERÊNCIAS

- ALLEN, J. V. **Student Writing Apprehension: a psychotherapeutic approach**. In: Meeting of the Basis Writing conference. St. Louis, 1988.
- BAUER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002, 64-89.
- CHARLES, S. **Cartas sobre hipermodernidade ou O hipermoderno explicado às crianças**. Tradução de Xerxes Gusmão. São Paulo: Barcarolla, 2009.
- CRUZ, B.de P. A. "Causos" de um professor de administração na hipermodernidade. In: ENEPQ, 2., 2009, Curitiba. **Anais...** . 2009: Anpad, 2009. p. 01 - 13. CD-ROM.
- CRUZ, B. P. A.; MARTINS, P. E. M. O poder do bacharel no espaço organizacional brasileiro: relendo Raízes do Brasil e Sobrados e Mucambos. In: **Cadernos EBAPE.BR (FGV)**, v. IV, 2006, p. 01-09.
- LIPOVESTSKY, G; CHARLES, S. **Os tempos hipermodernos**. Tradução de M. Vilela). São Paulo: Barcarolla, 2004.
- LIPOVETSKY, G. **A Felicidade Paradoxal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 44.
- LÜKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- RUBIM, L. M. e BESSET, V. L. Psicanálise e Educação: Desafios e Perspectivas. In: **Estilos de Clínica**, v. XII, nº 23, 2007, (p.36-55).
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. Atlas, 1987.
- VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de Pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 2005.